

Avaliação do ministro vai contra posição do Copom

Claudia Safatle

De Brasília

É nítida a diferença entre a forma com que o ministro da Fazenda, Antônio Palocci, tem abordado os riscos inflacionários deste ano e o tom da última ata do Comitê de Política Monetária (Copom). A comparação entre os termos da ata — que cita 58 vezes a palavra “inflação”, conforme contou a Global Invest — e as declarações de Palocci feitas tanto em Genebra, na quinta feira passada, em entrevista no mesmo dia de divulgação da ata, e novamente ontem, em entrevista coletiva, deixa a impressão de que o ministro está “reescrevendo” a ata.

O Copom diz que “há evidências capazes de corroborar a interpretação de que pode se tratar de um movimento persistente”, ou seja, que as pressões sobre a inflação não decorrem apenas de problemas sazonais, mas de uma eventual disseminação das remarcações de preços. O ministro, porém, afirmou na entrevista de ontem: “os fatores que levaram ao aumento da inflação foram itens que geralmente aumentam nesse período, que são mensalidade escolar, transporte coletivo e itens que sofrem efeitos climáticos”. Ou seja, são apenas problemas sazonais, garante.

Já a ata da reunião em que o Copom suspendeu temporariamente o processo de queda da taxa de juros diz textualmente que a elevação dos núcleos de inflação “revela que a aceleração de preços

nestes dois últimos meses não decorre exclusivamente de fatores sazonais, atingindo grande parte dos itens que compõem os índices”. A percepção de que há uma disseminação nos reajustes de preços é ratificada pelo aumento da proporção do número de itens que sofreram elevação — de 57%, em novembro, para 64,8% em dezembro, cita a ata.

Em Genebra, no dia da divulgação da ata, Palocci foi taxativo: “não há risco de a inflação voltar”. E sustentou: “Estamos bastante tranquilos de que a convergência das expectativas de inflação para os objetivos das metas do governo está se dando de forma muito consistente neste período”.

Ontem ele completou: “Não vejo por que esse aumento da inflação vai nos levar a uma postura mais conservadora na política monetária para este ano”. Assim, a interrupção da queda dos juros básicos é passageira e as taxas vão continuar caindo, disse.

O fato é que a forma como a ata foi escrita, com toda a sua clareza, incomodou não só aos mercados, mas também o governo. Teria faltado “sutileza” na construção do texto. Ou seja, o Copom teria carregado nas tintas quanto aos riscos inflacionários, avaliam fontes qualificadas do governo. Palocci estaria, agora, relativizando esses riscos. O ministro é um político hábil, não se pauta exclusivamente pelos rigores técnicos do Copom e ontem buscou trazer de volta uma expectativa otimista para 2004.